

MARIA! NÃO ME MATES, QUE SOU TUA MÃE!, DE CAMILO CASTELO BRANCO: UMA TEODICEIA LITERÁRIA

TÂNIA FURTADO MOREIRA*

Resumo: *Propõe-se uma leitura de Maria! Não Me Mates, que Sou Tua Mãe! (1848), de Camilo Castelo Branco, dando especial enfoque à instância da narração. A análise da perspectiva do narrador, configurada pelo pathos retórico, conduzirá a uma reflexão acerca desta narrativa camiliana à luz das tentativas de teodiceia conforme investigadas por Immanuel Kant. Desde o livro sapiencial do Antigo Testamento que o problema teodiceico se põe, quando o bondoso Job, face a uma catástrofe de males inusitados, persevera, todavia, na sua crença em Deus. A leitura kantiana do Livro de Job, hipotexto substancial na ficção camiliana, permitirá elucidar esta narrativa particular no seu viés teodiceico, nomeadamente a partir da crítica que Kant faz à teodiceia doutrinal.*

Palavras-chave: *Camilo Castelo Branco; matricídio; teodiceia; Livro de Job; Kant.*

Abstract: *This article proposes a reading of Maria! Não Me Mates, que Sou Tua Mãe! (1848), by Camilo Castelo Branco, with a special focus on the narration instance. The analysis of the narrator's perspective, configured by the rhetorical pathos, will lead to a reflection on this Camillian narrative in the light of theodicy attempts as investigated by Immanuel Kant. Since the sapiencial book of the Old Testament, the problem of theodicy has arisen when the good man Job, facing a catastrophe of unusual evils, perseveres in his belief in God. The Kantian reading of the Book of Job, a substantial hypotext in Camillian fiction, will allow us to elucidate this particular narrative in its theodicy bias, namely based on Kant's critique of doctrinal theodicy.*

Keywords: *Camilo Castelo Branco; matricide; theodicy; Book of Job; Kant.*

Maria! Não Me Mates, que Sou Tua Mãe! é uma das primeiras narrativas publicadas em letra de forma por Camilo Castelo Branco¹. Este texto de cordel veio a lume em 1848 sob anonimato, pela Tipografia do Eco, no Porto², motivado por um matricídio ocorrido em Lisboa em setembro desse mesmo ano. O trágico evento foi amplamente noticiado pelos periódicos da época, de onde o escritor colheu muitos dos elementos com que tece a narrativa, sabendo deles tirar máximo proveito. O sucesso da publicação deu azo a diversas réplicas³ num incidente com

* CITCEM/Universidade do Porto. Email: taniafurtadomoreira@gmail.com.

1 O ano de 1848 é a data que marca a estreia de Camilo na produção ficcional com narrativas de curto fôlego. Júlio Dias da Costa considera *A Última Vitória de um Conquistador* o primeiro texto de ficção camiliana porquanto devidamente autenticado. Mas o judicioso camilianista não deixa de ressaltar a iniludível indeterminação relativamente a esta matéria (CASTELO BRANCO, 1929:VI e 32-33). Em 1851, surgiria o primeiro romance camiliano de envergadura, *Anátema*.

2 Camilo, então com 23 anos, vivia por essa altura no Porto.

3 Entre as «variadíssimas imitações» deste fenómeno de contrafação, Alexandre Cabral enumera os seguintes opúsculos igualmente anónimos: *Matricídio sem Exemplo*, *História da Maria José* e *Crime da Maria José* (CABRAL, 2003 [1988]: 480). A este propósito, Armando Vitorino Ribeiro comenta: «O título do curioso folheto foi-se

ampla fortuna informativa e recreativa na imprensa⁴. Então, como hoje, o escândalo era lucrativo⁵. E já naquele ano de estreia latejava o génio literário de Camilo⁶.

Leia-se o extenso título na íntegra: *Maria! Não Me Mates, que Sou Tua Mãe! Meditação sobre o Espantoso Crime Acontecido em Lisboa: Uma Filha que Mata e Despedaça Sua Mãe Mandada Imprimir por um Mendigo, que Foi Lançado fora do Seu Convento, e Anda Pedindo Esmolas pelas Portas Oferecida aos Pais de Famílias, e Àqueles que Acreditam em Deus*. Como o próprio subtítulo indicia, o narrador não se anulará ao longo do relato. Bem pelo contrário, assumirá mesmo uma forte ingerência na narração concorrendo decisivamente para assegurar a força retórica do *pathos* movido aos leitores.

O narrador coloca-se, então, no papel do sofrente abandonado que manda imprimir aquela «meditação» para comover os corações não só pela horrenda história que vai contar, como por todos quantos forem passíveis de o verem a mendigar à sua porta. No exórdio, dirige-se num clamor aos «pais de famílias» chamando a atenção para a história que vai ser narrada, adiantando e ressaltando alguns dos seus aspetos mais sórdidos. Depois sublinha o carácter exemplar do relato:

Pais de famílias! Eu vou contar-vos o mais triste e espantoso acontecimento que viu o mundo, e que talvez não torne a ver. Chamai vossos filhos para junto de vós. Lede-lhes esta história, e fazei que eles a decorem, que a tragam consigo, e que a repitam uns aos outros⁷, terminando numa súplica de comiseração:

Pais de famílias! O que escreveu estas linhas com o seu pouco saber talvez vos terá ido à porta mendigar as migalhas da vossa mesa. Deus Nosso Senhor Jesus Cristo permita que eu possa levar a compaixão ao coração dos que me lerem, que eu desgraçado pecador fico pedindo a Deus pela alma daquelas infelizes mãe e filha⁸.

transformando, bem como o próprio texto, à medida que se iam fazendo novas edições e de tal forma, que as que apareceram em 1886 e 1887, sòmente por prevenção se podem ainda julgar pertencerem ao primitivo folheto escrito por Camilo, quasi quarenta anos antes» (RIBEIRO, 1948: 28). Por seu turno, José Vialé Moutinho, na sua fotobiografia camiliana, dá *Matricídio sem Exemplo* como sendo o título da 2.ª edição (MOUTINHO, 2009: 385). Contudo, é assinalável o facto de Júlio Dias da Costa não elencar o texto no rol das obras camilianas cujos títulos foram alterados (COSTA, 1925: 105-157). Este assunto carece de investigação.

⁴ Veja-se, por exemplo, as notícias *Crime Horroroso* e *Narração Fiel do Assassinio de Mathilde do Rosario da Luz*; o folheto *Vizão Horrorosa: Quadras a proposito de Maria José, que Assassinou Sua Mãe*; ou a litografia *A Matricida Maria Jozé, Condemnada no Dia 6 de Novembro de 1848*.

⁵ Embora negligenciada pela crítica, esta narrativa camiliana tem merecido um expressivo interesse editorial ao longo do tempo, desde logo em publicações autónomas de carácter mais ou menos comercial. Só no nosso século, contam-se já quatro edições: pela Objecto Cardíaco (Vila do Conde, 2006), pela Nova Ática (Lisboa, 2007), pela Calçada das Letras (Lisboa, 2009) e pela Palimpsesto (Lisboa, 2018).

⁶ Para se dirimir a tese do profissionalismo literário de Camilo, por vezes acusado mesmo de mercenarismo, como razão de ser da sua obra literária, veja-se MOREIRA, 2021: 312-333. Jacinto do Prado Coelho, por sua vez, viu no folheto o rebaixamento do gosto literário em favor do populismo editorial (COELHO, 2001 [1946]: 151-152 e 156-157).

⁷ CASTELO BRANCO, 1990 [1848]: 235.

⁸ CASTELO BRANCO, 1990 [1848]: 236.

E vamos à história. Quando Agostinho José morre, deixa à sua mulher, Matilde do Rosário da Luz, o delicado encargo de zelar pela honra das duas filhas⁹. Os tabus da virgindade e da prostituição são aí bem manifestos. Tendo ficado uma delas «a servir em casa de honrados amos»¹⁰, Matilde manteve-se com a outra filha, a protagonista desta história, vivendo com ela um quotidiano imaculado, feito de trabalho honesto, de alimentação frugal e de orações. Mas o narrador introduz logo aí o indício de uma suspeita pelo recurso ao verbo marcador de modalidade epistémica: «Maria José (este era o nome da filha) *parecia* que amava sua mãe com toda a sua alma e coração»¹¹.

Conforme observa Alexandre Cabral, dilatando o título maior de toda a obra romanesca de Camilo Castelo Branco: «Parece-nos interessante [...] analisar como se dá a transfiguração do drama e, mais importante ainda, descobrir aqui, numa das primeiras produções de Camilo, a constante de toda a sua novelística: o amor como causa de perdição»¹². A representação paradigmática desta narrativa subsidia a tese de João Carlos Vitorino Pereira segundo a qual a ficção camiliana é tonificada menos pelo amor do que pela violência¹³. Não obstante, a relação entre ambos os eixos sémio-temáticos não pode deixar de ser compreendida sob o prisma de uma permanente dialética fecundada por meio dos seus vasos comunicantes. Com efeito, a *hybris* da protagonista tem origem na chegada de José Maria, por quem ela se apaixona, paixão que motivará todos os sucessos nefandos até à catástrofe final consumada no matricídio. O quiasmo que ressalta dos nomes dos amantes — Maria José e José Maria — deixa entrever não apenas essa dualidade do amor que faz daquele que ama ser outro e agir pelo outro, como uma certa indefinição de género que avassala a estabilidade das categorias do real¹⁴. Além disso, evidencia-se nele uma subversão simbólica da figura religiosa com que a protagonista vivia comprometida: o narrador conta que ela «de noite rezava o terço à Virgem Maria»¹⁵. Ao abrir mão das regras do seio doméstico e das leis da moral coletiva e religiosa, ao afirmar a sua liberdade em perseguir o contínuo do desejo, Maria perder-se-á para o mundo¹⁶. Consoante escreve António do Prado Coelho, «O abismaremse as almas no mal aparece a Camilo como uma vertigem;

9 O escritor manteve os nomes factuais.

10 CASTELO BRANCO, 1990 [1848]: 237.

11 CASTELO BRANCO, 1990 [1848]: 237 (itálico meu).

12 CASTELO BRANCO, 1961: 304.

13 PEREIRA, 1998.

14 Segundo Rebecca J. Atencio, «No final da história, o dilema central da identificação maternal versus paternal continua a ser problemática, conforme simbolizado pelo nome andrógino da filha. Embora Maria José cometa matricídio, o mais extremo ato de rejeição da mãe, ela continua no limbo entre os dois pólos, conforme Kristeva observa no caso do eu feminino, em que a total separação da mãe é impossível» (ATENCIO, 2007: 100 [tradução minha]).

15 CASTELO BRANCO, 1990 [1848]: 237.

16 MOREIRA, 2021: 248-253.

*atiram-se para ele (não marcham para ele) como se fossem irresistivelmente atraídos à queda numa voragem»*¹⁷. Mais do que sacrificar, Maria sacrifica-se.

Enquanto os pretensos banhos do casamento anunciados se vão atrasando, José Maria desflora Maria José, e Matilde intui a desonra da filha. A partir daí, inicia-se uma escalada crescente entre o desgosto profundo da mãe que tenta a todo o custo elucidar a filha caída em desgraça e a oposição cada vez mais extremada de Maria no seu ludíbrio passional a ponto de ostentar impudicamente o seu desejo erótico:

*Minha mãe [...], ora deixe-me que não estou para aturá-la. Ainda vinha a tempo com os seus sermões. O valer-me era a tempo, agora que eu sou dele como se fosse sua mulher, hei-de ser com ele desgraçada até à morte. Sabe que mais? Se casar, casou; se não casar é o mesmo: eu gosto e ele gosta...*¹⁸

A afronta lúbrica de Maria perante a mãe será tanto mais escandalosa quanto persistente. Nesse mesmo diálogo, a certa altura replica à mãe: «pela Constituição não se prende ninguém por seduzir raparigas, e demais foi muito do meu gosto, acabou-se, está dito»¹⁹. E noutro passo, o narrador conta que, tendo entrado José Maria em casa de Matilde, «a velha tremeu, e a dissoluta Maria José pendurou-se-lhe nos ombros a beijá-lo»²⁰.

Após constatar a empedernida surdez da filha aos seus desesperados rogos, Matilde muda da postura clemente para uma atitude assertiva e avisa mesmo acorrer à justiça, enquanto Maria carrega na agressividade dos comportamentos ameaçadores, entre insultos e agressões aplicados à mãe. São eles que despertam na viúva o zelo de verificar se o dinheiro que guardava debaixo do enxergão destinado a missas pela alma do seu marido e da sua se encontra intacto. Ao descobrir-se roubada, Matilde grita e desmaia. Entretanto, Maria engana-a prometendo-lhe que no dia seguinte lhe devolverá o dinheiro.

Então cheio da mais pungente aflição, prosseguindo na «retórica da doutrinação cristã»²¹, o narrador convoca a proteção divina e depois volta-se para o seu auditório:

Oh! meu Deus! dai-me forças para poder continuar, e enxugai-me estas lágrimas dos olhos!

Filhas, que amais vossas mães, tremei, tremei de horror! Mães, que amais vossas filhas, chorai, chorai de compaixão! Pais de famílias, que me ledes, fazei por dar uma

¹⁷ COELHO, 1950: 45.

¹⁸ CASTELO BRANCO, 1990 [1848]: 239.

¹⁹ CASTELO BRANCO, 1990 [1848]: 240.

²⁰ CASTELO BRANCO, 1990 [1848]: 241.

²¹ COELHO, 2001 [1946]: 152.

educação a vossos filhos, que não deixe remorso na hora tremenda em que vossas almas estiverem para voar à presença de Jesus Cristo!

Em toda a noite daquele dia, Maria não apareceu em casa, foi onde estava o José Maria, e pediu-lhe ferros para matar sua mãe. O malvado deu-lhe duas facas de sapa-teiro, e lá lhe disse que fizesse aquilo que vou contar, se Deus Nosso Senhor mo permitir²².

Note-se, desde já, os pruridos que o narrador acusa no momento em que está prestes a narrar o matricídio. Não apenas expressa a falta de vigor anímico para o relato que lhe cabe, como solicita o auxílio divino para tal empresa. O momento da narração do assassinio atravessa-se, então, por um denso *pathos*, sobretudo no discurso angustiado da mãe que se vê traída pela filha e que considera assim condenadas as almas de ambas na vida para além da morte. Já esfaqueada, Matilde tenta mover-se a procurar um crucifixo de modo a poder encomendar a sua alma. Mas Maria, vendo sua mãe ainda ativa, dá-lhe uma segunda facada que a deita fatalmente por terra. O narrador inicia então um pranto em cadência anafórica onde invoca a natureza, a Virgem Maria, as aves do céu. Encontramo-nos, nós, leitores, exatamente perante a mesma tessitura com que a voz da narração nos habitou desde o exórdio: vulnerável, temente a Deus, e compassiva.

Mas eis chegado o momento em que a imagem *patética* do narrador²³ sofre uma violenta transmutação, passando da esfera retórica onde predominavam o *ethos* e o *pathos* para dar primazia ao *logos* numa descrição terrivelmente analítica que dá a ver com maior veemência a dimensão macabra e *contranatura* do esquartejamento do corpo da mãe pela matricida. Num instante súbito e imprevisível, a matriz de aderência subjetiva descola-se do discurso para deixar irromper a chaga da factualidade. A voz da narração deixa então de ser timorata para se mostrar fortemente ostensiva na violência descrita. O domínio dos nomes concretos, a precisão das frases curtas, a coordenação aditiva (assindética e sindética), o polisíndeto e a anáfora, a afluência do pretérito perfeito do indicativo; estes, entre outros recursos, contribuem para esse cariz marcadamente analítico e algébrico, que estabelece uma fronteira nítida com a inflamação tímica que havia pautado o discurso narrativo até ao momento. Através da *enargeia*, o narrador põe em evidência, diante dos olhos do leitor, a catástrofe do matricídio, cuja síntese fora antecipada no preâmbulo por meio da anáfora do verbo *ver* no futuro do indicativo²⁴. Dir-se-ia que o narrador piedoso e melífluo sucumbe à sublimidade

²² CASTELO BRANCO, 1990 [1848]: 243.

²³ Numa dupla, e quase contraditória, aceção: por um lado, *do que suscita piedade pela dor*; por outro, *do que provoca menosprezo pelo ridículo*. Com efeito, muito antes do axioma de Bernard de Fontenelle consagrado por Napoleão Bonaparte — *do sublime ao ridículo vai apenas um passo* (*Pensées Nouvelles et Philosophiques*, 1777: 75) —, já Longino alertava para a facilidade de semelhante perigo no seu seminal ensaio datado do I d. C., *Peri Hypsous* (LONGINO, 2015).

²⁴ CASTELO BRANCO, 1990 [1848]: 235.

matemática²⁵ do terror descrito ao deslocar a semiótica do mal sofrido para a semiótica do mal infligido, não sem um certo gozo denunciado pela eficiência metódica a que se vota:

Depois de morta sua mãe, Maria José, com a maior presença de espírito e ânimo de carrasco, com a mesma faca começou a cortar-lhe a cabeça, e vendo que não podia arredondar o osso, foi cortar com segunda faca, e como ainda não pudesse, começou a dar-lhe golpes de machada, até que de todo lhe despegou a cabeça do pescoço. Depois cortou-lhe as orelhas e o nariz e os beiços e deu-lhe mais de vinte golpes na cara, e queimou-lhe o cabelo. Depois levantou um tijolo do lar e enterrou os pedaços da cara e da cabeça.

Depois cortou-lhe as pernas e as mãos. E à noite embuçou-se num capote e pegou no tronco da mãe e foi pô-lo nas obras de Santa Engrácia. Tornou a casa, pegou nas pernas e nas mãos e foi pô-las na Travessa das Mónicas. E depois, voltando para casa, pôs-se a lavar a roupa ensanguentada da mãe e deitou-se nos mesmos lençóis onde sua mãe dormia com ela dous dias antes e com a cabeça dessa mesma mãe enterrada aos pés da cama. No dia seguinte saiu de casa e foi-se pôr a ver o corpo e as pernas de sua mãe entre aquela multidão de pessoas que lastimavam aquele acontecimento. Aconteceu estar aí o mesmo regedor a quem ela pedira que mandasse meter sua mãe no hospital dos doudos. O que o regedor por uma inspiração do Céu mandou prender aquela mulher, e levando-a a casa passaram a perguntar-lhe por sua mãe, e ela respondia que não sabia. Mas no quintal da mesma casa estavam a enxugar algumas roupas tintas de sangue. O regedor, escavando no lar, achou a cabeça e os pedaços da cara — perguntou a Maria José se conhecia aquela cabeça, e ela respondeu, comendo melancia com pão:

— *Conheço, é de minha mãe*²⁶!!

O interdito alimentar, que havia sido assinalado pelo narrador no exórdio²⁷, incide sobre o contrassenso entre o alimento que é vida, encarnado na figura materna, e o apetite da filha diante do corpo despedaçado da mãe. Naquela antevisão paratextual, a imagem do corpo aparecia já sob variações em rede semiológica: da sua faceta reprodutora à alimentícia, da carência na fome ao excesso no apetite, da virgindade conservada à venda do corpo. Quanto ao esartejamento do cadáver materno, mais do que motivado pela tentativa de dissolução dos vestígios do crime — na verdade, Maria revela-se negligente nesse propósito —, ele torna patente a vontade de liquidação das origens em prol da afirmação livre e autónoma do desejo. E não é propriamente o assassinio da mãe pela filha que escandaliza, mas esse ato meticuloso do corte que dissemina o corpo.

²⁵ Para o conceito de *sublime matemático*, coteje-se KANT, 1998 [1790]: 141-156.

²⁶ CASTELO BRANCO, 1990 [1848]: 244-245.

²⁷ CASTELO BRANCO, 1990 [1848]: 235.

A narrativa termina em clave apocalíptica, numa amplificação de sentido generalizante:

Aqui tendes, ó povos, o maior crime que viu o mundo, praticado em Lisboa no ano de 1848!

Estes atentados contra Deus, esta guerra de irmãos com irmãos, estes acontecimentos de filhos matarem pais, e esses sinais que nos aparecem no Céu, tudo indica que o fim do mundo está chegado²⁸.

Enquanto a eminência escatológica se confere aqui pelo império da contradição que embate na lógica da racionalidade, à qual a própria religião é submetida, a sem-razão do mundo, ao invés de pôr em crise o estatuto de Deus, reforça-o. A transcendência divina oferece-se como o salvo-conduto para a expectativa da ordem cósmica ao mesmo tempo que exhibe Deus na sua glória. Se o fim do mundo está chegado, então o princípio do mundo era já o seu fim, pois desde os *Génesis* que os crimes sangrentos entre pares e semelhantes se relatam. Como justificar o mal sem a intervenção divina? Como compatibilizá-lo com a onipotência de um Deus sumamente bom? Como aceitar o mais terrível dos crimes, o de uma filha que mata e despedaça o ventre que lhe deu o ser?

Este nexos de causalidade entre mal moral e mal físico é questionado muito antes de Leibniz pela narrativa veterotestamentária de Job, cuja interrogação radical ecoa em vastas frequências na obra romanesca de Camilo Castelo Branco²⁹. Apesar de se manter puro e de perseverar na sua fé em Deus, Job encerra-se num profundo pessimismo desesperançado, e deseja a morte. Em virtude da imperscrutabilidade divina, o varão de Hus demonstra a ilegitimidade de uma interpelação da criatura sofrente dirigida aos desígnios divinos: «Quem lhe poderá dizer: “Porque fazes isto?” / [...] / Quem sou eu para Lhe replicar, e rebuscar argumentos contra Ele?»³⁰. Das lamentações do crente sacrificado, ressalta uma invetiva contra os seus interlocutores, que pretendem ver nos sofrimentos castigos, compondo assim uma economia teológica justa e plausível. «A exigência de justiça na origem do lamento de Job é inseparável do pathos onde se inscreve a dúvida sobre o sentido da Criação», escreve Michaël Foessel, que acrescenta: «Job é uma personagem movida pela necessidade de consolação que acaba por ser a principal fonte antropológica da exigência de justificação racional»³¹.

²⁸ CASTELO BRANCO, 1990 [1848]: 245.

²⁹ Constate-se a presença desse hipotexto bíblico, como citação ou alusão, por exemplo, em CASTELO BRANCO, 1984 [1862]: 799 e 830; 1985a [1863]: 344; 1985b [1864]: 683; e 1988 [1875-1877]: 110.

³⁰ *Livro de Job*, 1992: 666. Mais adiante, após a réplica de Elifaz, Job proclama: «Oh! Se pudesse encontrá-Lo / e chegar até ao Seu próprio trono! Exporia diante d’Ele a minha causa, encheria a minha boca de argumentos». (*Livro de Job*, 1992: 677). Como explica Michaël Foessel: «A cena descrita pelo Antigo testamento é uma cena jurídica. Job pretende fazer um “processo” a Deus, expor diante dele a sua causa» (FÆSSEL, 2010: 42).

³¹ FÆSSEL, 2019 [2012]: 85 (tradução minha).

Tal como no desafio entre Deus e o Diabo na narrativa de Job, o narrador de *Maria! Não Me Mates, que Sou Tua Mãe!* conta e comenta: «A filha ria-se de escárnio, e ao mesmo tempo estava com ódio a sua mãe. Deus não quis tocar-lhe o coração, porque Ele quis ver até que ponto poderiam chegar os crimes no século de desmoralização e pecado em que vivemos»³². Também aqui o narrador admite que Deus joga aos dados com as suas criaturas, deixando-as cometer os mais infames crimes.

Autor do neologismo *teodiceia* — a *justiça de Deus* —, Leibniz chamou para si o papel de advogado de defesa na querela movida pela dificuldade em se harmonizar a onipotência, a onisciência e a omnibenevolência divinas com a existência do mal no mundo. Havia, de facto, todo um lento e incendiário julgamento a decorrer, ateadado por causídicos como Pierre Bayle, o cético autor do *Dictionnaire Historique et Critique* vindo a lume em 1697. Numa das suas analogias cáusticas, Bayle comparava esse Deus à mãe que deixa as suas filhas irem a um baile onde sabe que elas irão perder a virgindade³³. Ficava assim exposta ao burlesco, senão ao grotesco, qualquer pretensão de racionalidade na defesa de Deus através da possibilidade do mal ancorada na dádiva divina do livre-arbítrio. Bem desembrulhada, em suma, a liberdade humana descobria-se um belo presente envenenado.

Publicada em 1710, a obra *Essais de Théodicée: Sur la Bonté de Dieu, la Liberté de l'Homme et l'Origine du Mal* de Leibniz constituiu, então, a mais diligente defesa da inocência de Deus em confronto com o problema do mal. É recorrendo à lógica que o filósofo racionalista defenderá a *causa Dei* ao propor a sua teoria do melhor dos mundos possíveis a partir da ideia de causa eficiente, em que a própria ação do supremo Arquiteto se subordina às leis da lógica num jogo de equilíbrio entre as mónadas³⁴. A *harmonia universalis* leibniziana redundava, então, num sistema estético onde o pequeno defeito concorre para realçar a perfeição da beleza do todo³⁵. Além do mais, Leibniz preconizava o entendimento futuro dessa regulação perfeita na sequência do avanço científico³⁶. Assim, embora por vezes obscura face à experiência humana, a jurisprudência universal haveria de ser inteligível e demonstrável pela razão.

Esta postura, segundo Immanuel Kant, num ensaio de 1791 intitulado *Über das Mißlingen aller philosophischen Versuche in der Theodicee*, exprime a *teodiceia doutrinal* dos amigos de Job (que se apoia no dogma especulativo) contra a *teodiceia autêntica* que Job manifesta (fundada sobre a pura crença). Escrito na

³² CASTELO BRANCO, 1990 [1848]: 240.

³³ BAYLE, 1965 [1697]: 177-178.

³⁴ LEIBNIZ, 1969 [1710]; RATEAU, 2015.

³⁵ LEIBNIZ, 1969 [1710]: 421.

³⁶ LEIBNIZ, 1969 [1710]: 233.

maturidade do período Crítico, este estudo constitui mais uma pedra kantiana contra o dogmatismo racional que a filosofia de Leibniz superiormente desempenhou³⁷. O *tribunal da razão* que Kant erige a partir do método crítico deixa bem claros os limites do conhecimento humano³⁸. São eles que inviabilizam, por exemplo e desde logo, a cognoscibilidade de Deus³⁹. De resto, este é o calcanhar de Aquiles da Metafísica tradicional, segundo Kant, para quem nem a religião, nem a legislação devem escapar ao escrutínio do método crítico. No âmbito da revolução copernicana operada pelo filósofo, Deus deixa de ser o reduto do juízo em favor da razão humana, atendidos os seus limites, o que explica que o modelo de teodiceia ratificado assente numa sabedoria negativa⁴⁰.

No entendimento kantiano, Job oferece um modelo de fé porque «testemunhou que não fundou a sua moralidade sobre a sua fé, mas a fé sobre a moralidade: e, neste caso, a fé, por mais frágil que seja, é, contudo, de uma espécie mais pura e mais estimável, no sentido em que não se funda sobre uma religião que aspira ao favor, mas sobre uma religião da boa conduta»⁴¹. Kant rejeita, portanto, uma teologia baseada na lógica da retribuição que confere ao sofrimento o signo de um castigo, ou à felicidade uma consequência da virtude. Na *Crítica da Razão Prática*, o soberano bem é concebido, em liberdade, como um dever racional consignado pelo imperativo categórico⁴². A teodiceia doutrinal erra ao promover ao nível especulativo ideias cuja objetividade é meramente prática, isto é, relativa à vontade. Embora racional, o postulado da existência de Deus como autor justo do mundo é efeito de uma crença, não de um saber. E a figura bíblica de Job representa a *razão prática* onde o soberano bem releva da efetividade da lei moral⁴³. Assim, enquanto «Os amigos de Job professam o sistema que consiste em explicar todos os males no mundo pela justiça divina, e, portanto, o mesmo número de sentenças por crimes cometidos [...]. Job, ao contrário, [...] pronuncia-se pelo sistema da *incondicionalidade do decreto divino*»⁴⁴. Job realiza uma afirmação

37 Ainda que o nome de Leibniz, como o de nenhum outro filósofo, conste no texto. Conforme assinala Paul Rateau, «a menção de "Versuche" no título [...] convoca inevitavelmente os *Essais de Théodicée* [de Leibniz]» (RATEAU, 2009: 51, n.º 1). Para os pontos de contacto e de distanciamento entre a teodiceia leibniziana e a teodiceia kantiana, veja-se RATEAU, 2009 e FCESSSEL, 2010: 25-61.

38 KANT, 2001 [1781].

39 KANT, 1998 [1790]: 343-421.

40 Em resumo, para Kant, o insucesso das tentativas filosóficas em matéria de teodiceia prende-se com o facto de consistirem em puras teodiceias doutriniais (KANT, 1985 [1791], 2001 [1781]; FCESSSEL, 2010: 27).

41 KANT, 1985 [1791]: 1408.

42 KANT, 2008 [1788]: 125. Acerca do *imperativo categórico*, confronte-se KANT, 2014 [1785]: 62, 73, 76-77 e 88.

43 FCESSSEL, 2010: 44. Em Kant, o sumo bem é imanente porquanto releva do dever, de uma vontade boa, ao mesmo tempo que é transcendente como ideia dado que as suas condições de possibilidade excedem o poder dessa mesma vontade. De facto, ao contrário da teodiceia doutrinal, na teodiceia autêntica, a razão prática figurada na postura de Job impõe à exigência de justiça sem fazer dela um conhecimento. Job dá-se como prova viva da ignorância radical dos homens quanto aos fins de Deus.

44 KANT, 1985 [1791]: 1406.

de impotência e a assunção de uma assimetria inelutável, escoradas ambas na fé, o que lhe valeu a aprovação de Deus⁴⁵.

De igual modo, o narrador de *Maria! Não Me Mates, que Sou Tua Mãe!* lança perguntas a Deus e, à semelhança de Job, reconhece os limites do seu entendimento baseando-se na sua fé, ao contrário da impostura dos amigos daquele, que ousam justificar a todo o custo o padecimento inocente porque se creem ouvidos e julgados por Deus:

Oh Céus, aonde estão os vossos raios que não caem sobre a cabeça deste infame, que pede a uma amante que mate sua mãe, para mais a salvamento gozar os seus escandalosos e torpes desejos! Oh Céus! Como quereis que um homem vos insulte tão claramente, atrevendo-se a proferir estas palavras: ó filha, mata tua mãe!!? Meu Deus, eu sou um fraco bichinho na terra, e atrevo-me a interrogar a Vossa alta sabedoria! Perdoai-me, meu Deus⁴⁶!

Se o *Livro de Job* se erige sobre uma pergunta fundamental — *Porquê?* —, também assim esta narrativa de Camilo. «Maria, porque me matas?»⁴⁷, replica duas vezes Matilde à hora da morte. Como explica Terry Eagleton, a persistente interrogação face a um mal inusitado, «não significa “Qual foi a causa disto?”. É mais um lamento do que um inquérito. É um protesto contra uma profunda falta de lógica no mundo. É uma reação ao que parece ser o brutal sem-sentido das coisas»⁴⁸. Nesse encaixe se fundamenta também a inversão do sentido da teodiceia proposta por Kant: «já não se trata de justificar (negando-a) a existência do mal no mundo, mas de justificar o queixume em nome do ideal teológico postulado pela razão»⁴⁹. Pelo que, ao contrário dos metafísicos dogmáticos, o mundo visto pelo filósofo da Crítica não é um mundo fechado por uma chave determinística, mas aberto ao permanente devir transformacional, um mundo que está indefinidamente por fazer.

Face ao absurdo do sacrifício maternal por uma filha, Camilo dramatiza no título uma outra possibilidade, com a exortação alternativa que não consta do discurso da vítima na narrativa. O incitamento *Maria! Não Me Mates, que Sou Tua Mãe!* seria, afinal, um esforço vão de desviar os desígnios insondáveis do Sumo Poderoso. Ciente da inevitabilidade do crime, também o narrador faz um preito na

⁴⁵ KANT, 1985 [1791]: 1404-1405.

⁴⁶ CASTELO BRANCO, 1990 [1848]: 240. Kant contrapõe destarte as duas posturas: «Job fala como pensa, seguindo o seu coração, e como qualquer homem que estivesse na sua situação. Pelo contrário, os seus amigos falam como se o Todo-Poderoso, sobre cuja causa pronunciam a sua sentença, os escutasse, e como se a perspectiva de ganharem favores com ele através do seu julgamento fosse mais importante do que a verdade» (KANT, 1985 [1791]: 1406 [tradução minha]).

⁴⁷ CASTELO BRANCO, 1990 [1848]: 244.

⁴⁸ EAGLETON, 2010: 131 (tradução minha).

⁴⁹ FCESSSEL, 2010: 48 (tradução minha).

eminência de narrar o primeiro golpe assassino: «Virgem Maria, suspendei o braço dessa filha que vai matar sua mãe!»⁵⁰. Em todo o caso, não se trata de impedir a realidade do facto acontecido e que vai ser narrado, mas de enfatizar a falta de concordância entre o ato e a razão prática. A mãe de Maria, porém, não lança um repto, mas perguntas. E aceita o seu destino, julgando-se embora condenada a prestar contas a Deus. O dinheiro e a honra com que se compra a salvação da alma aproximam-se dos discursos com que os amigos de Job tentam comprar Javé⁵¹.

Mas a protagonista não está ali a jogar aos dados, como Deus joga com o Diabo no livro sapiencial do Antigo Testamento⁵². Maria está a jogar-se a si própria, ela *está lançada* na aceção da fenomenologia heideggeriana⁵³, o que significa entregar-se absoluta para se consumir e consumir toda na sua paixão. E só isso justifica o injustificável que é o mal, como diria Jean Nabert⁵⁴.

BIBLIOGRAFIA

- ATENCIO, Rebecca J. (2007). *Camilo's M(O)ther Women: Two Matricidal Narratives*. «Portuguese Literary & Cultural Studies». 12, 95-106.
- BAYLE, Pierre (1965 [1697]). *Historical and Critical Dictionary: Selections*. Ed. de Craig Brush e Richard H. Popkin. Indianápolis: Bobbs-Merrill.
- CABRAL, Alexandre (2003 [1988]). *Dicionário de Camilo Castelo Branco*. Lisboa: Caminho.
- CASTELO BRANCO, Camilo (1929). *Dispersos de Camilo*. Ed. de Júlio Dias da Costa. Coimbra: Imprensa da Universidade, vol. V.
- CASTELO BRANCO, Camilo (1961). *As Novelas de Camilo*. Selec., pref. e notas de Alexandre Cabral. Lisboa: Portugalia.
- CASTELO BRANCO, Camilo (1984 [1862]). *Coração, Cabeça e Estômago*. In CASTELO BRANCO, Camilo. *Obras Completas*. Dir. de Justino Mendes de Almeida. Porto: Lello & Irmão, vol. III, pp. 715-875.
- CASTELO BRANCO, Camilo (1985a [1863]). *Memórias de Guilherme do Amaral: Obra Póstuma Editada por Camilo Castelo Branco*. In CASTELO BRANCO, Camilo. *Obras Completas*. Dir. de Justino Mendes de Almeida. Porto: Lello & Irmão, vol. IV, pp. 331-465.
- CASTELO BRANCO, Camilo (1985b [1864]). *Amor de Salvação*. In CASTELO BRANCO, Camilo. *Obras Completas*. Dir. de Justino Mendes de Almeida. Porto: Lello & Irmão, vol. IV, pp. 617-783.
- CASTELO BRANCO, Camilo (1988 [1875-1877]). *Novelas do Minho*. In CASTELO BRANCO, Camilo. *Obras Completas*. Dir. de Justino Mendes de Almeida. Porto: Lello & Irmão, vol. VIII, pp. 1-454.

⁵⁰ CASTELO BRANCO, 1990 [1848]: 244.

⁵¹ Como se viu, a pureza do corpo das filhas é dada à conta de moeda de troca pela salvação do espírito (CASTELO BRANCO, 1990 [1848]: 237 e 239).

⁵² *Livro de Job*, 1992: 659-660.

⁵³ HEIDEGGER, 2010 [1927].

⁵⁴ NABERT, 1997 [1955].

- CASTELO BRANCO, Camilo (1990 [1848]). *Maria! Não Me Mates, que Sou Tua Mãe!* In CASTELO BRANCO, Camilo. *Obras Completas*. Dir. de Justino Mendes de Almeida. Porto: Lello & Irmão, vol. XI, pp. 231-255.
- COELHO, António do Prado (1950). *Espiritualidade e Arte de Camilo*. Porto: Livraria Simões Lopes.
- COELHO, Jacinto do Prado (2001 [1946]). *Introdução ao Estudo da Novela Camiliana*. 3.ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- COSTA, Júlio Dias da (1925). *Palestras Camilianas*. Lisboa: Empresa Literária Fluminense.
- CRIME HORROROSO. «Revista Universal Lisbonense: Jornal dos Interesses Physicos, Moraes, e Litterarios / Por uma Sociedade Estudiosa». Série IV. Vol. VII. 41 (14 set. 1848) 489490.
- EAGLETON, Terry (2010). *On Evil*. New Haven; Londres: Yale University Press.
- FESSEL, Michaël (2010). *Le Scandale de la Raison: Kant et le Problème du Mal*. Paris: Honoré Champion.
- FESSEL, Michaël (2019 [2012]). *Après la Fin du Monde: Critique de la Raison Apocalyptique*. Paris: Seuil.
- HEIDEGGER, Martin (2010 [1927]). *Being and Time*. Trad. do alemão de Joan Stambaugh; rev. e pref. de Dennis J. Schmidt. Nova Iorque: State University of New York Press.
- KANT, Immanuel (1985 [1791]). *Sur l'Insuccès de toutes les Tentatives Philosophiques en matière de Théodicée*. In KANT, Immanuel. *Œuvres Philosophiques*. Ed. dirigida por Ferdinand Alquié; trad. do alemão e notas de Alexandre J.-L. Delamarre. Paris: Gallimard, vol. II, pp. 1391-1413.
- KANT, Immanuel (1998 [1790]). *Crítica da Faculdade do Juízo*. Trad. e notas de António Marques e Valério Rohden; introd. de António Marques. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- KANT, Immanuel (2001 [1781]). *Crítica da Razão Pura*. Trad. do alemão de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão; introd. e notas de Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- KANT, Immanuel (2008 [1788]). *Crítica da Razão Prática*. Trad. do alemão de Artur Morão. Lisboa: Edições 70.
- KANT, Immanuel (2014 [1785]). *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. Trad. do alemão de Paulo Quintela; introd. de Pedro Galvão. Lisboa: Edições 70.
- LEIBNIZ, G. W. (1969 [1710]). *Essais de Théodicée: Sur la Bonté de Dieu, la Liberté de l'Homme et l'Origine du Mal*. Ed. de Jacques Brunschwig. Paris: Garnier-Flammarion.
- LIVRO de Job. In *Bíblia Sagrada*. Lisboa: Difusora Bíblica, 1992, pp. 659-693.
- LONGINO, Dionísio (2015). *Do Sublime*. Trad. do grego, introd. e comentário de Marta Várzeas. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra; São Paulo: Annablume.
- MOREIRA, Tânia Furtado (2021). *A Literatura e o Mal na Ficção Camiliana*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Tese de doutoramento.
- MOUTINHO, José Viale (2009). *Camilo Castelo Branco: Memórias Fotobiográficas (1825-1890)*. Alfragide: Caminho.
- NABERT, Jean (1997 [1955]). *Essai sur le Mal*. Paris: Cerf.
- NARRAÇÃO FIEL do Assassinio de Mathilde do Rosario da Luz. «Revista Universal Lisbonense: Jornal dos Interesses Physicos, Moraes, e Litterarios / Por uma Sociedade Estudiosa». Série IV. Vol. VII. 42 (21 set. 1848) 500501.
- PENSÉES NOUVELLES ET PHILOSOPHIQUES. Amsterdão: Marc-Michel Rey, 1777.
- PEREIRA, João Carlos Vitorino (1998). *Les Expressions et les Fonctions de la Violence dans l'Œuvre Romanesque de Camilo Castelo Branco (1825-1890)*. Paris: Université Sorbonne Nouvelle – Paris III. Tese de doutoramento.
- RATEAU, Paul (2009). *L'Essai Leibnizien de Théodicée et la Critique de Kant*. IN RATEAU, Paul, ed. *L'Idée de Théodicée de Leibniz à Kant: Héritage, Transformations, Critiques*. Estugarda: Franz Steiner Verlag, pp. 51-66.

- RATEAU, Paul (2015). *Leibniz et le Meilleur des Mondes Possibles*. Paris: Classiques Garnier.
- RIBEIRO, Armando Vitorino (1948). *Um Horrendo Crime na Lisboa de Há Cem Anos*. «Policia Portuguesa». 70 (nov./dez.) 26-30.
- SILVA [1848?]. *A Matricida Maria Jozé, Condemnada no Dia 6 de Novembro de 1848*. [Lisboa]: [s.n.]. Litografia.
- VIZÃO HORROROSA: *Quadras a proposito de Maria José, que Assassinou Sua Mãe*. Lisboa: Tipografia A. J. P., 1848.

